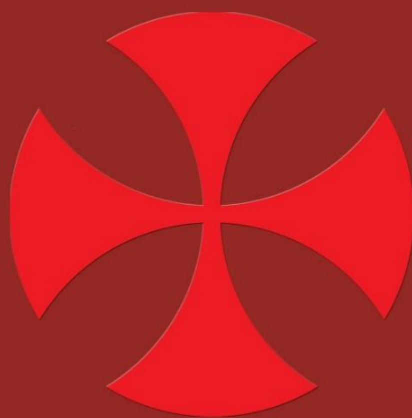
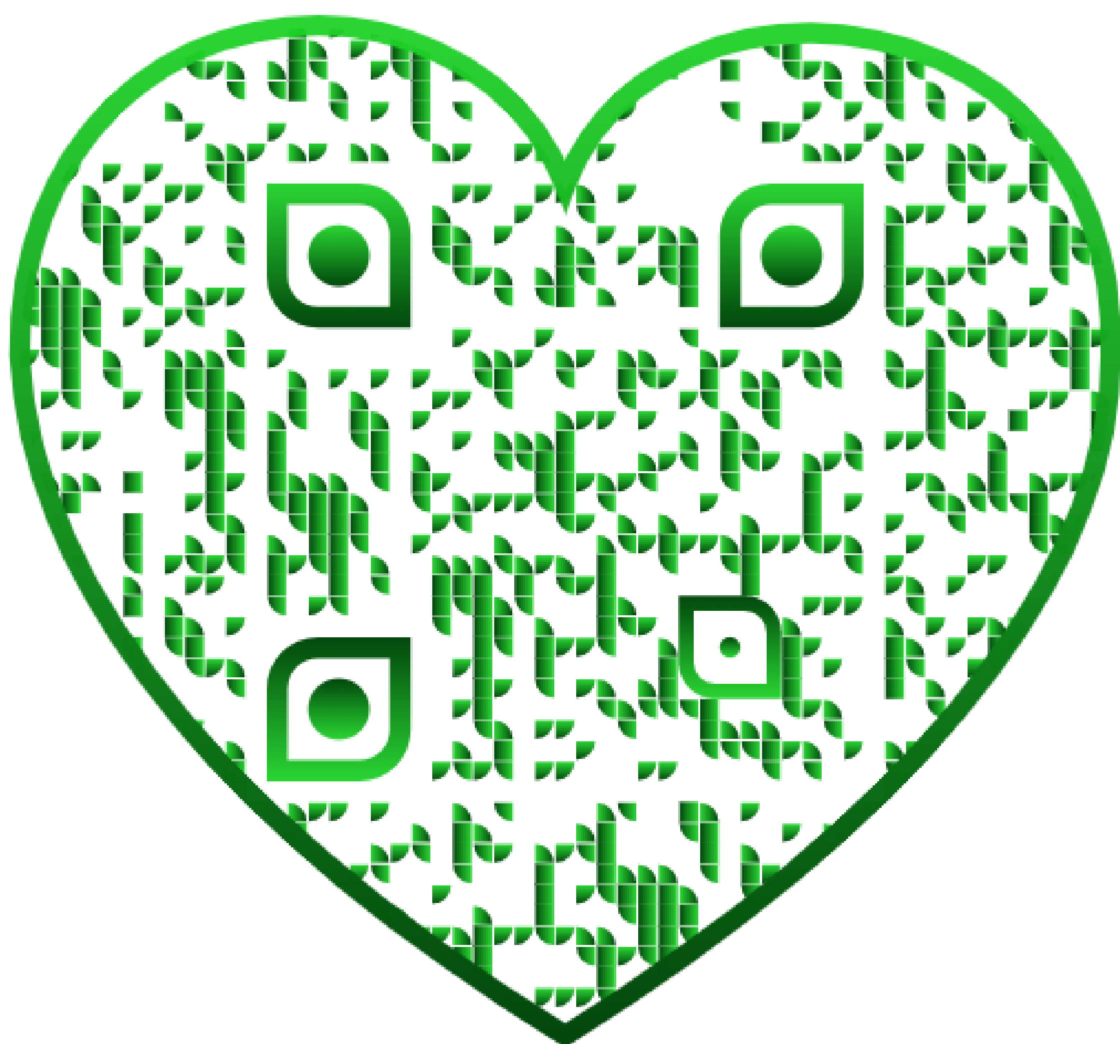


Sociedade das Ciências Antigas

Os Discípulos da Ciência Oculta: Fabre d'Olivet e Saint-Yves d'Alveydre

Papus





Sociedade das Ciências Antigas

OS DISCÍPULOS DA CIÊNCIA OCULTA: FABRE D'OLIVET E SAINT-YVES D'ALVEYDRE

POR PAPUS





TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

DISCIPLES DE LA SCIENCE OCULTE:
FABRE D'OLIVET ET SAINT-YVES D'ALVEYDRE

G. CARRÉ LIBRAIRE - ÉDITEUR
PARIS - 1888

Deixai o mundo agir e incansavelmente
persisti em vossa senda

Pitágoras

PREFÁCIO

Quantas reputações literárias são feitas sobre as opiniões de pessoas que não conhecem uma linha daquilo de que estão falando! Um autor passa vários anos de sua vida a desenvolver um trabalho consciencioso, e qualquer um consegue, sem sequer ler quatro páginas, lançar um tal epíteto muitas vezes repetido à exaustão pelas pessoas. É dever de todo homem honesto protestar contra tais processos em nome da justiça e da lealdade. Fizemos nossos esforços para expor as doutrinas de Fabre d'Olivet e de Saint-Yves d'Alveydre, ao menos como nós as compreendemos. Devemos invocar perante os leitores uma única consideração, que tivemos a honestidade de ler livros inteiros dos autores dos quais estamos falando, e suplicamos por todos aqueles que desejam julgá-los de forma imparcial de não crê-nos antes de terem agido da mesma forma.

FABRE D'OLIVET E SAINT-YVES D'ALVEYDRE

Quando, depois de haver derrotado o dragão do preconceito, o pesquisador mergulha no árido estudo da ciência oculta, quantas decepções ali não encontrará? Tal autor, que parecia conduzir-se para o objetivo tão desejado, a todos desconcerta com uma frase enigmática, de tal maneira encerrando o seu segredo sob símbolos misteriosos, ao ponto de o leitor, desanimado, rejeitar enraivecido os empoeirados volumes nos ignotos recônditos, os quais provavelmente nunca mais os abandonarão.

Felizes, todavia aqueles que perseveram! Ante a obstinação vitoriosa, as barreiras desmoronam uma a uma: os textos se iluminam; as ideias se encaixam, e um dia a luz pura dos princípios se mostra, inundando de felicidade a alma do pesquisador audacioso. É quando, então, que ele deseja recolocar em seu lugar os velhos mestres esquecidos, é quando ele se apresenta aos contemporâneos, portador desta Verdade que deve mudar a face do mundo; mas ele desce do alto para ser compreendido.

Louis Lucas encontrou na *Alquimia*[*] os princípios gerais sem os quais nossa física, nossa química e nossa astronomia não teriam lugar de ser. Louis Lucas morreu de desespero. Nenhum estudioso menciona suas experiências atualmente esquecidas; seu nome nem ao menos ocorre em nenhuma biografia. Os discípulos da ciência oculta serão capazes se lembrarem dele, todavia.

Hoene Wronski adentra, com toda a força de seu gênio, no Absoluto, e reporta às Academias a reforma da matemática: Hoene Wronski morreu de fome. Algumas linhas de biografias anunciam para a posteridade que estava certamente louco, porque suas obras são incompreensíveis. Incompreensíveis ou incompreendidas? Perguntemo-nos.

Fabre d'Olivet quis perseguir os princípios até os domínios mais recônditos; infatigável em suas buscas, nem o número de textos, nem sua obscuridade, nem as diversas línguas que os compõem

---

[*] "Honra a vós, grandes filósofos, modestos estudiosos, velhos alquimistas encerrados na fossa comum, que deveis a incansáveis colecionadores e alguns piedosos bibliófilos! ... Honra a vós, sábios pesquisadores, cuja popularidade jamais os acariciou com suas asas deslumbrantes; mas cujas obras são dilapidadas pelos plagiadores de todos os países! Eu tenho a glória de ser um dos seus mais fervorosos discípulos e estendo-vos a mão através do túmulo! *(Louís LUCAS. Nova medicina, p. 15.)*

fatigam-no, ele aprende tudo: Fabre d'Olivet morreu na indigência, quase na miséria e como ele conseguiu agitar um tanto as mentes superiores de seu tempo, não se pôde emudecer seu nome, e vingam-se deturpando sua memória, como por um dos maiores eruditos do século XIX. Ouvi e julgai:

> "Fabre d'Olivet, literário medíocre, da mesma família Jean Fabre (de Nîmes), nascido em Ganges (Hérault), em 1767, morto em Paris em 1825, publicou alguns romances e poemas; Mas é especialmente notável pela reviravolta mística de seu espírito. Ele alegou ter descoberto a chave dos hieróglifos, tendo assim encontrado o verdadeiro significado da língua hebraica, que permanecia, segundo disse, ignorada até sua época. Publicou para essa finalidade, a *Língua Hebraica Restituída*, 1816: esta obra insensata foi depositada no *Index*. Fabre alegou ter curado os surdos-mudos por um método secreto" *(Bouillet, Dictionnaire d'Histoire et de Géographie, 12e édition).*[*]

Buscadores, a senda está aberta; Este é o futuro que a sociedade nos reserva; Segui vossos mestres, se tiverdes coragem. Após tereis sido ridicularizados por toda parte, criticados e caluniados, se morrerdes de desespero como Lucas, de fome como Wronski ou de desgosto como d'Olivet, recordai-vos de quem ressuscitam os esquecidos e deixai em paz este mundo, a Verdade vos sobreviverá!

É, portanto, um dever de Justiça que iremos realizar, apenas após o testemunho brilhante prestado a este autor na *France Vraie*[†], tentando expor o trabalho de Fabre d'Olivet.

Os fatos falam por si, em favor do mestre, e pedimos de antemão ao leitor de perdoar a limitação de nossos meios no que se refere à magnitude da obra. Mas isso não deve limitar nossa tarefa.

Alguns críticos acusaram um autor contemporâneo, Sr. Saint-Yves d'Alveydre, de haver plagiado Fabre d'Olivet. Devemos, portanto, também expor, na medida de nossas pequenas forças, a obra deste autor, mostrar os pontos onde o trabalho de dois pesquisadores concordam, e aqueles onde diferem, estudar seus métodos respectivos e as conclusões a que ambos atingem. Para tanto, sem querer ser juízes, nós mesmos, forneceremos os meios para todos decidirem a questão com pleno conhecimento de causa.

*

*   *

Fabre d'Olivet chega a Paris, em 1780. Segundo o desejo de seus pais, ele deveria se dedicar ao comércio de seda. Os comerciantes não viram seu nome em seus registros, porque logo o jovem exclusivamente se dedicará às letras e à música, inclusive compondo até algumas óperas.

Um grande desejo de conhecimento tortura-o; em seus momentos de meditação, ele sonha em empreender uma obra colossal, de sintetizar sob leis superiores o conjunto de fatos acumulados pela humanidade, de encontrar a origem deles e de seus legatários, em uma palavra, realizar o que ele chama em vários pontos de sua obra como a *História da Terra*.

Uma incansável persistência levou-o à solução destes terríveis problemas. Por vinte anos, ele estudou na solidão, perdido entre os pequenos funcionários de um ministério. Ele lê, nos originais, os autores da antiguidade, gregos e latinos. A partir daí, ele passa ao estudo do Egito. Em 1811, ele cura um surdo-mudo por um processo descoberto ao decifrar um texto retirado de um templo dos

---

[*] Comparar esta biografia com aquela de "Bouillet, filósofo Francês" tão pomposa quanto ridícula.

[†] Saint-Yves d'Alveydre, *La France Vraie*. Pro Domo.

faraós: iniciava então seu apostolado.

Quais foram seus meios e por que métodos alcançou tais resultados?

O farol que o guiava principalmente era a linguística.

Penetrando até o fundo do gênio dos idiomas, ele recuperou sua origem. Verificando os autores latinos pelos gregos, e cada um deles por todos os outros, ele conseguiria edificar um brilhante resumo sintético de suas doutrinas, que se condensa no nome do sábio mais reverenciado da Grécia: *Os Versos Áureos de Pitágoras*, publicados em 1813.

Pitágoras! Era o vínculo vivo que reuniria a jovem civilização Grega com os antigos Egípcios; Foi o traço de união entre o Oriente e o Ocidente!

Os *Versos Áureos de Pitágoras* reúnem em um único volume a mais elevada soma de erudição que chegou a produzir talvez o século XIX. É por isso que as afirmações históricas de Fabre d'Olivet são quase completamente irrefutáveis, porque antes de destruí-las, é necessário destruir toda a antiguidade.

Nosso autor havia galgado altas esferas no estudo dessas origens; Mas ele ainda não as possuía em sua totalidade. Um monumento se colocava diante de suas investigações, impenetrável: foi o Gênesis do sacerdote Egípcio, denominado de Moisés. Ali deveria encontrar essa cosmogonia cujos estudiosos do Egito ensinavam unicamente no mais profundo de seus mistérios, sendo ali encerradas as chaves que deveriam abrir a antiguidade e toda a sua síntese.

Mas como ler estas páginas tão profundas, quando elas parecem ridículas graças aos ignorantes tradutores?

O verdadeiro Hebraico está perdido, disse Fabre d'Olivet. O que hoje chamamos de língua hebraica é apenas uma pálida cópia da língua dos mistérios: reencontremos esta misteriosa linguagem e finalmente iremos possuir a chave de todas as cosmogonias.

Colocando em conjunto todos os recursos que ele tinha logrado extrair do sumério, do caldeu, do siríaco, do árabe, do grego e até mesmo do chinês, em três anos Fabre d'Olivet tinha restituído a linguagem dos mistérios. Ele tinha estabelecido uma gramática tão admirável que ela se aplicava a quase todas as línguas-mães conhecidas, enquanto que os princípios que as constituíssem fossem elevados. É graças a essa gramática que ele *restituiu* o hebraico e descobriu os três sentidos desta misteriosa língua constituída de corpo, alma e espírito, à imagem de todas as criações do colégio dos filhos de Deus.

Ele traduziu, então, os dez primeiros capítulos de Gênesis de Moisés no segundo sentido, não desejando profanar os mistérios mais elevados, nem permanecer no exoterismo de sentido grosseiro. Ele apoiou a tradução de cada palavra por meio de um longo comentário, "provando a interpretação desta palavra por sua análise radical e seu confronto com a palavra análoga em sumério, caldeu, siríaco, árabe ou grego".

Para derrubar um monumento assim bem construído como a *Língua Hebraica Restituída*, é preciso mais que uma calúnia boba de misticismo, e o Papa que coloca uma tal obra no *Index* demonstra uma ignorância tamanha que pode causar sua ruína.

Artigos biográficos tais como o do Sr. Bouillet, citado acima, provam conclusivamente a covardia dessas pessoas que não se incomodam em ler um autor antes de macular a sua memória.

Mas passemos por cima destas pequenas misérias, inerentes a qualquer apostolado, e sigamos Fabre d'Olivet em seu trabalho.

Possuidor de uma grande parte dos princípios primeiros do universo, através da cosmogonia de Moisés, ele poderia finalmente realizar o seu sonho.

Qual método deveria seguir para expor em dois volumes a evolução do gênero humano?

Nossos historiadores modernos, em sua totalidade, ignoram que existem dois métodos para escrever a história: o primeiro, o único conhecido hoje, ocupa-se com os indivíduos e os fatos, considerados um a um; o segundo, há muito aplicado pelos antigos, trata somente da evolução da lei moral, sem se ocupar com indivíduos ou fatos, senão que em suas relações com esta lei.[*]

Este é o segundo método que seguiu Fabre d'Olivet, e em seis anos, havia edificado a obra que resume todas as suas obras, *História Filosófica do Gênero Humano*, publicada em 1822.

Ele coloca, antes de tudo, neste livro, a constituição intelectual do homem[†] e mostra, em seguida, a ação do meio e dos fatos sobre a evolução das raças humanas, a raça branca. Ele mostra as vicissitudes que atravessa esta raça dependendo como ela se encontra influenciada pela Providência, Destino ou Vontade humana, os três grandes princípios que regem o universo.

O que há de notável neste estudo é o poder profético das leis que ele põe em jogo. Este poder é exercido não apenas sobre o passado, mas ainda sobre nosso presente. Retornaremos em pouco tempo sobre este assunto.

Sua obra então concluída, Fabre d'Olivet prossegue com um estudo sobre a cosmogonia de Moisés[‡], quando o trabalho de lorde Byron, *Caim*, caiu-lhe em suas mãos. Não demorou muito para reconhecer, sob a admirável beleza da forma, a perversidade diabólica de fundo. O *Caim* de lorde Byron apareceu-lhe como uma encarnação de *Nahash*, o espírito de egoísmo e orgulho, denominado pelos cristãos de Satanás. Toda a sua ciência permaneceu contra essas falsas doutrinas, e o comentário que ele fez para refutar essa obra é um dos mais belos livros de moral científica que temos lido. Em uma carta-prefácio ao poeta inglês, Fabre d'Olivet fornece um resumo tão claro quanto de plena erudição da história da Bíblia.

É também em *Caim* que Fabre d'Olivet ilumina com novas luzes a Cosmogonia de Moisés, ao definir *Nahash*, Adão, Eva, Caim e Abel, em suas relações esotéricas.

Tais são as obras importantes de Fabre d'Olivet: Os *Versos Áureos de Pitágoras*, 1813; A *Língua Hebraica Restituída*, 1816; *História Filosófica do Gênero Humano*, 1822; *Caim*, 1823.

Conhecemos agora os livros em que Fabre d'Olivet expõe suas doutrinas; é possível resumi-los?

Esforçar-nos-emos em fazer o nosso melhor; Mas advertimos o leitor que nenhum resumo, por mais bem exposto que pareça, pode substituir o original. As pessoas que instruem-se pelas opiniões dos autores em resumos biográficos estão condenadas a nunca compreender verdadeiramente um sistema filosófico.

Tendo lido tanto as obras de Saint-Yves d'Alveydre como aquelas de Fabre d'Olivet, estaríamos já em condições talvez de estabelecer uma comparação entre os diferentes sistemas destes dois autores alimentados pelas mesmas fontes. Também iremos substituir a nossa apresentação por citações de

[*] V. os *Versos Áureos de Pitágoras*.
[†] V. n° 11 do *Lotus*.
[‡] Que infelizmente nunca seria publicado.

uma crítica muito bem feita, publicada em 1825, sobre a *História Filosófica do Gênero Humano*.

Iremos dividir este resumo em três partes:

1° Teoria cosmogônica de Fabre d'Olivet;
2° suas teorias históricas e conclusões sociais;
3° suas teorias de morais.

1. *Teoria cosmogônica*. – A cosmogonia de Fabre d'Olivet deriva em sua totalidade da cosmogonia de Moisés. Mas é preciso ter lido a sua tradução do *Sepher Bereschit* para entender como a ideia esotérica dos Egípcios sobre a criação difere das ingenuidades que os tradutores exotéricos aferem a Moisés.

Para nos convencermos, basta realizar comparativamente a leitura de ambas traduções. A primeira palavra é uma pedra de toque infalível.

Qualquer tradução de Gênesis que começa com: *No começo*, é exotérico e por este fato, falso.

O verdadeiro início é: *No princípio.*

Assim, todas as coisas são criadas em *Principiação* no *Pensamento* antes de existir em *Ação*. Da criação em *Principiação*, as coisas passam à existência no *Astral* e de lá ao *Material*.

Compreende-se sem dificuldade como todo o Gênesis se acende sob estas luzes. Os nomes próprios não designam os indivíduos; mas princípios. Vejamos a aplicação desta teoria cosmogônica aos seres humanos. Passo a citar o excelente resumo que o Sr. Boisquet fez sobre os conceitos de Fabre d'Olivet:

> "O homem (o Reino Hominal, Adão), criado por Deus à sua imagem, para ser uma das três grandes potências que governam o universo, constituiu-se em princípio. Ele se desenvolvia tranquilamente em uma câmara protetora, mas quando ele havia atingido uma parte de suas forças, o fogo interior, necessário para o desenvolvimento de toda a criação, tornou-se em si uma paixão cega e ardente; em seu delírio, quis ele se satisfazer do poder exterior, tornar-se criador e igual Àquele a quem ele devia a existência. Neste preciso instante tudo se materializou em torno dele, e esse ser teria sido eternamente infeliz, se Deus, que havia previsto sua desobediência, não lhe tivesse dado os meios para atingir o crescimento infinito que foi destinado por sua origem e ao mesmo tempo, de se redimir da falha que ele havia cometido.
>
> "Precipitado de sua glória, o homem foi condenado a desenvolver toda a natureza, entrando em luta com o Destino que ele havia criado, e com aquele que haveria de criar; e não teve por sustento em seu imenso trabalho senão a ajuda da Divina Providência, a qual poderia reconhecer ou ignorar.
>
> "Ele surgiu sobre a terra em uma natureza trina ou quaternária, segundo o modo de considerá-lo: dotado, em princípio, de todas as forças, todas as faculdades das quais poderá ser revestido mais tarde, mas não possuindo em ato nenhuma delas. As primeiras raças que surgiram eram fracas e débeis, e se desenvolviam pela necessidade, igual como podemos ver nos filhos, crescerem e fortalecerem-se pela idade e exercício.
>
> "Três raças se desenvolveram, ou simultaneamente, ou uma após a outra, em lugares diferentes. A raça vermelha era nativa da Atlântida, a raça negra surgiu na África e a raça amarela se originou na Ásia. Estas três raças chegaram gradualmente à plenitude do

> conhecimento que o estado social pode adquirir e disputavam o cetro do mundo. Mas a raça vermelha, estabelecida em uma ilha muito considerável, eventualmente terminou por oprimir as outras duas, e se torna mestre do universo. A perversidade dos Atlantes se tornou tão grande que a Providência abandonou-os inteiramente. A ilha Atlânte foi submersa pelo dilúvio e água lavaram com extrema violência quase todos os continentes. Neste esforço terrível, as terras boreais saíram do seio dos mares e formaram o berço da raça branca. É o desenvolvimento desta raça que o Sr. Fabre d'Olivet aborda principalmente." *

Alguns pontos detalhados deste resumo são imprecisos; mas são tão pouco numerosos que eu não quis interrompê-lo em nenhum ponto, dado que o conjunto é abundantemente claro. O fim deste resumo mostra a transição pela qual Fabre d'Olivet passa de sua teoria cosmogônica à sua teoria histórica.

Algumas citações de *Caim* farão melhor compreender a cosmogonia de Fabre d'Olivet, mostrando como ele concebe Adão e Eva, Caim e Abel.

Inútil repetir que a acepção que Fabre d'Olivet dá esses nomes é cientifica e rigorosamente derivada das raízes esotéricas da língua de Moisés:

> "Adão é como eu denominei o *Reino hominal*, impropriamente chamado de *Gênero Humano*; Ele é o homem concebido abstratamente: ou seja, a massa geral de todos os homens que compõem, têm composto ou irão compor a *Humanidade*; que gozaram, gozam ou gozarão da *Vida Humana*; e esta massa, assim concebida como um ser único, vive de uma vida própria, universal, que se particulariza e se reflete nos indivíduos de ambos os sexos. Neste último aspecto, Adão é masculino e feminino.
>
> "Considerando que Adão se concebe em sua essência universal ou particular, Eva é sempre sua faculdade criativa, sua força eficiente, sua vontade própria, por meio da qual ele se manifesta no exterior. No princípio da sua existência universal, Eva não se distingue da faculdade criativa universal que emana Adão. Apenas no momento da sua distinção que Adão torna-se um ser independente e livre, e que pode exercer no exterior, de acordo com sua própria vontade, sua força criativa, eficiente. É sempre por Eva que Adão se modifica para o bem ou para o mal. Eva realiza tudo dentro e fora dele.
>
> "Caim e Abel são as duas forças primordiais da natureza elementar. São os dois primeiros seres cosmogônicos produzidos por Eva, depois que, por um certo movimento em direção à natureza elementar, ela perdeu seu nome de *Aisha*, que designava à natureza intelectual de Adão, para tomar o de *Eva*, que não expressava mais do que a vida material deste ser universal. É nesta vida material que Caim e Abel nasceram e seus princípios, que estavam em potência do ser, desde o início das coisas, são passados em ato para produzir tudo aquilo que deve, no futuro, constituir esta vida. Caim pode ser concebido como a ação da força compressiva, e Abel como a força expansiva. Essas duas ações, segundo a fórmula de que tudo que existe na natureza, se emanados da mesma fonte, são inimigos desde o momento de seu nascimento. Elas trabalham incessantemente uma sobre a outra e tentam dominarem-se reciprocamente e se reduzirem à sua própria natureza. A ação compressiva, mais enérgica do que a ação expansiva, sempre a supera na origem; e a esmagadora, por assim dizer, compacta a substância universal, onde ela atua, e dá existência às formas materiais que não existiam anteriormente".

Na *Língua Hebraica Restituída*, Fabre d'Olivet traduz, de acordo com o mesmo sistema, os dez primeiros capítulos do Gênesis. É a este livro notável que aconselhamos, de forma particular, os

* F. Boisquet: três artigos sobre a obra intitulada *Do Estado social do homem*, 1825.

buscadores que desejam aprofundar esta teoria cosmogônica.



Busto de Fabre d'Olivet por
Ch.-A. Callamard (1769 - 1815)

2. *Teorias históricas* – A história, tal como nos apresenta Fabre d'Olivet, pode ser dividida em duas partes bem distintas. Uma delas se estende desde Napoleão ao ponto de onde principiamos no colégio o estudo dos tempos históricos (Egito, Grécia primitiva, Orfeu, Hesíodo, etc.); o outro estende-se a partir desse momento até a origem da raça branca.

Ele mostra esta raça emergente das terras boreais no momento em que a Raça Negra é predominante sobre a terra; em seguida, o reencontro de Negros e Brancos, suas lutas; a progressiva civilização dos Brancos, sua vitória sobre os Negros, que são expulsos da Europa e, finalmente, a conquista da Índia por Ram, druida ariano, que nos traz para os tempos ditos históricos.

Mas o ponto crucial do estudo histórico de Fabre de Olivet, não é o encadeamento de fatos, por mais engenhoso que possa parecer, mas sim a evolução dos três grandes princípios: Providência, Vontade humana, Destino, que dão razão de ser para estes fatos:

> "O homem, criado livre para ser uma das grandes potências do universo, é precipitado de seu estado glorioso, antes que ele tivesse alcançado seu complemento. Ele foi forçado a se dividir para redimir sua culpa e desenvolver a sua própria natureza. Colocado na terra, possui contra si o Destino do que fez e do que fará, e não tem como auxílio, como apoio imediato deste grande trabalho, senão que a divina Providência. Daí, os três princípios da política geral sempre em contato.
>
> "A Providência que, pela sua natureza celestial, sempre tende à unidade. Torna-se em política o princípio das teocracias, dá todas as ideias religiosas e preside a fundação de todos os cultos; Não há nada de intelectual que não decorra dela, é a vida de tudo; sua finalidade é o império universal.
>
> "O Destino, que dá forma e consequência a todos os princípios colocados em ação. Não há nada de legítimo fora de si. Ele é o princípio das monarquias e o triunfo da necessidade.
>
> "Finalmente a Vontade do homem, que tem um movimento de ação e progressão; sem ela nada se aperfeiçoaria. É o princípio das repúblicas, o triunfo da liberdade e a realização de tudo o que pode ser tanto bem quanto mal.

> “Então, sempre que os povos forem muito oprimidos pelo Destino, ou demasiado corrompidos pela Vontade do homem, deve haver a reação pela Providência, para evitar a ruína total dos Estados e a interrupção do trabalho do homem universal”.*

Agora vejamos a aplicação de tal profecia pelo conhecimento dos princípios sociais, que mencionei anteriormente, no resumo a seguir:

> “Sempre que os homens, guiados por uma ambição e uma ganância sem limites, conseguem estabelecer um ponto central onde eles podem desenvolver as combinações deste funesto binário, assinalado como a ruína de todos os Estados pelos sábios da antiguidade, necessita-se que o mundo inteiro seja reformado em suas relações sociais.
>
> “Este binário consiste em reunir em uma capital as três aristocracias centrais, sobre bases completamente falsas, cancelando todos os direitos públicos que lhes poderiam servir de equilíbrio. A aristocracia eclesiástica, depois de haver materializado as crenças religiosas, perde sua consideração; à primeira sublevação, dissipa ela suas posses, é perseguida, em seguida amortizam-na para forçá-la a agir em uma lei contrária à lei religiosa que a constituía.
>
> “A aristocracia militar central, que não pode ter importância senão pela destruição dos direitos civis dos militares provinciais, é forçada a se ligar com financiadores para atingir esse objetivo; e no que lhe diz respeito, a primeira revolução a devasta por completo. Privadas de suas riquezas e seus direitos usurpados, ela não pode substituí-los que por honrarias efêmeras, os favores dos reis, as dilapidações do tesouro público ou associações surdas em assuntos de um comércio desprezível.
>
> “A aristocracia especulante maravilha-se então com o comércio natural, inverte todos os equilíbrios provinciais, destrói todos os laços dos povos, acumula riquezas, cria novos valores, metamorfoseia-se até o seio da terra, semeia com incrível rapidez uma corrupção impossível de descrever, e procura consumidores e vítimas até os confins do universo”.

Qual é, para Fabre d’Olivet, a conclusão social que emerge desta teoria?

É o estabelecimento de uma sociedade inteiramente baseada na religião, de uma teocracia e a criação de *castas*. Este ponto é muito importante observar.

3. *Teorias morais* – A cosmogonia aqui deve ser de suma importância; Porque é através dela que Fabre d’Olivet chega para a solução dos mais elevados problemas de moralidade em seu livro *Caim*.

Antes de abordar como ele concebeu a origem do mal e seu remédio, vejamos a definição dessa força sutil que será a causa da decadência do Homem Universal.

> “*Nahash* caracteriza propriamente este sentimento interior e profundo que conecta o ser em sua própria existência individual e torna-o ardentemente desejoso de mantê-lo ou expandi-lo.
>
> “*Nahash* é ainda, se me permite dizer, este egoísmo radical que leva o ser a tornar-se centro e a tudo relacionar-se com ele.
>
> “Moisés disse que esse sentimento é a paixão impulsiva de elementar animalidade, o ímpeto secreto ou levedo que Deus havia dado à natureza.
>
> “*Nahash harym* não seria um ser distinto, independente, como colocastes Lúcifer de acordo

* Boisquet, loc. cit.

com o sistema que Manes emprestara dos Caldeus e dos Persas; Mas sim, um móbile central dado ao material, um impulso oculto, um levedo, agindo na profundidade das coisas, que Deus teria colocado na natureza corporal para desenvolver os elementos".

Tal é a força que irá pressionar Adão a invadir com sua mente a ciência criativa. Por que esta ciência foi a causa de sua perda? Fabre d'Olivet responde por comparação, seguido por um discurso de Adão a Caim.

"Vida e ciência são igualmente boas; Mas exigem ser reunidas adequada e proporcionalmente, umas às outras.

"Uma criança aprecia a vida desde o momento do seu nascimento, sua vida ainda é fraca e por assim dizer na sua alvorada, não possui, em absoluto, força suficiente para resistir às menores trepidações do corpo e da alma, as quais mais tarde ela suportará. Se considerarmos esta criança do ponto de vista dos alimentos, vemos que não há necessidade senão de leite leve, e que, se lhe dermos outra coisa, se quisermos alimentá-la da mesma forma que a um homem feito, iríamos inevitavelmente matá-la. O que ocorre com o corpo, também acontece com a alma. Se desde muito cedo ela sente o choque das fortes paixões, ela sucumbe a essas forças. Com a mente ocorre o mesmo. A ciência, que é sua companheira, deve lhe ser dada cuidadosamente. Querer que uma criança saiba em sua tenra juventude o que ela precisa saber quando homem será a ruína.

"O Senhor Deus, meu filho, dera a vida e ciência ao homem; Mas a vida na flor da adolescência e ciência apenas em germe. Ele queria que uma se desenvolvesse com a outra e eles atingissem juntas seu mais alto grau de plenitude e perfeição. O homem sabia que isto era dessa forma, e também que não poderia ser senão dessa forma. Ele sabia que uma ciência precoce iria expor sua vida e poderia até mesmo o arrebatar. Acerca dessa falta de vida chamada *morte*, não tinha senão uma ideia confusa. Tudo que ele concebia, é que era um estado horrível. Um evento fatídico do qual é inútil dar-se conta, porque ele não pode te contemplar senão que em seus resultados, e que não o entenderia em seu princípio porque ainda é apenas uma criança, tendo sido colocada toda a ciência no meu alcance, eu não pude resistir ao desejo de possui-la. Impulsionado por uma paixão cega, e acreditando escapar do perigo de que fui ameaçado, agarrei o fruto que me foi oferecido. Minha audácia avança no tempo, e minha mente, na verdade, invade a ciência. Mas a predição do Eterno Deus é realizada; minha tão débil vida sucumbiu sob o peso com o qual havia me sobrecarregado. Ela já não podia crescer; Ela teve de decair. Uma decadência eterna é o mais horrível dos sofrimentos. O Deus Eterno poupou-me ao dignar-se mudar o modo de minha vida. Então tu nasceste. Sem o evento do qual eu te falei, não terias nascido, Eva não seria tua mãe, teu irmão não teria visto a luz do dia, e toda a humanidade que deve nascer de ti não teria existido".

Com estas premissas estabelecidas, Fabre d'Olivet pode abordar a exposição de suas ideias sobre a origem do mal e seus remédios:

"Assim, portanto, os males pelos quais infelizmente a humanidade é afligida são o resultado de um acidente, e definitivamente em princípio não entravam no plano do Criador do Mundo (como Lúcifer quer fazer-se entender, para se desculpar de tê-los arrebatados). Esses males não são, em absoluto, eternos, porque eles são encapsulados em um tempo limitado; eles diminuem gradualmente de intensidade à medida que a humanidade avança, no tempo e no espaço, e eles acabam por desaparecerem totalmente, confundindo-se com o que os geômetras chamam de infinitamente pequenos; da mesma forma, servindo-me de uma comparação sensível, que um quilo de sal, que salgaria fortemente um balde de água, mas muito pouco salgaria uma cisterna, quase nada uma lagoa e em nada um rio".

O espaço e o tempo, haveis, portanto os remédios do mal que Adão criou para si próprio, rejeitando atrás de si toda a Eternidade. Esse mal teria sido eterno se Adão tivesse conservado sua vida universal; Ele teve que se dividir no espaço para curar-se e dividir-se infinitamente, através do tempo. É por fim, quando esta divisão tiver sido concluída que o tempo parará e que o espaço divisível, desaparecendo, enfim Adão irá retornar ao seu estado original de unidade indivisível e imortal.

> "Nascer e morrer são apenas a manifestação deste movimento misterioso, que leva da Imensidão ao Espaço, e do Espaço à Imensidão; da Eternidade ao Tempo e do Tempo à Eternidade; de sorte que para ela o nascimento e a morte já não serão nada além de uma mudança de estado, uma passagem do estado de essência ao da natureza, ou do estado da natureza ao da essência".

O leitor pode ver, após estes trechos citados, um dos maiores erros de Fabre d'Olivet: ele é quase que exclusivamente metafísico. Todas essas demonstrações, tão evidentes quanto são de fato, navegam em um ambiente que choca os espíritos positivistas de nosso tempo. Que nos importam essas histórias da queda do homem, dir-nos-iam, por que discutir sobre esse pecado original e a causa do mal?

Deve-se reconhecer com eles as lacunas de demonstrações exclusivamente metafísicas; mas devemos também entender que uma explicação, mesmo metafísica, é mil vezes melhor que a invocação do *incognoscível*. O positivista questionado acerca das origens permanece atônito e foge habilmente; enquanto que o metafísico aceita o combate.

Se este último se equivoca, pelo menos devemos honrar nele a coragem que mostrou por engajar-se na luta.

Portanto, reconhecemos a falha capital de Fabre d'Olivet, que é de ser demasiadamente confinado ao campo da metafísica; Mas também reconhecemos o poder da sua erudição e o imenso auxílio que suas obras podem fornecer ao filósofo, ao gramático e ao historiador.

Seus livros são escritos em um estilo fácil e com uma claridade até excessiva. Fabre d'Olivet nunca visa o efeito e constrange a evidência a se manifestar pela arte com a qual ele coloca em jogo todos os recursos de sua erudição colossal.

Poucos críticos se ocuparam dele. Com esforço, podemos citar Mr. Boisquet em 1825 e Saint-Yves Alveydre (em sua *France Vraie*) em nossos dias.

No entanto, o sistema sintético que ele conseguiu atualizar exerceu uma influência real sobre as produções posteriores e podem-se seguir seus vestígios através da *Humanidade* de Pierre Leroux, até a *Palingenesis social* de Ballanche.

Tal é Fabre d'Olivet: um grande erudito, um maravilhoso filólogo, um homem de gênio realmente superior, mas, infelizmente, também um assaz grande metafísico.

*

*   *

Conhecemos agora a obra de Fabre d'Olivet, ao menos em suas linhas gerais; exporemos a de Saint-Yves d'Alveydre.

Desde a primeira leitura, este autor surge como um realizador de uma originalidade muito marcante. Nada nebuloso em sua exposição, por vezes muito afirmativa e muito elevada. A história está lá como o campo experimental no qual ele manobra. Ele estabelece uma lei, a qual acompanha-a por definições muito claras e conta uma série de fatos. À medida que avançamos nesta exposição, a conclusão surge por si, resplandecente, provando plenamente a exatidão da lei social enunciada.

Cada uma de suas obras é um satélite cuja lei social que ele denomina de Sinarquia é o sol, e todos os seus livros gravitam em torno de um deles, a M*issão dos judeus*, que marca o ponto de partida e o ponto de chegada de todas suas obras.

O que podemos entender desta palavra, *Sinarquia*?

A Sinarquia indica um tipo de governo cientificamente exato.

Portanto, existem governos baseados em princípios cientificamente determináveis, e outros que não o são?

É à resposta a esta pergunta que Saint-Yves consagrou todas as suas obras. Iremos passar por eles rapidamente em revista para inferir ao máximo possível as consequências.

A Missão dos Soberanos,
A Missão dos Operários,
A Missão dos Judeus,
A Missão dos Franceses,

Eis a bagagem literária de nosso autor.

A *Missão dos Soberanos* foi publicada em 1882.

Neste livro o autor estabelece, antes de tudo, com definições nítidas e claras, os diferentes tipos de governos que podem se aplicar a uma comunidade qualquer.

A República, a Monarquia, a Teocracia são definidos em seus princípios, suas finalidades, seus meios, sua condição radical e sua garantia.

Esses pontos bem explicados, o autor faz algumas distinções necessárias para conhecer, por exemplo, a diferença entre a *Religião* e os *Cultos* e especialmente entre a *Autoridade* e o *Poder*. A este respeito, ele apoia-se apropriadamente sobre a família, mostrando que nela:

O pai exerce poder sobre seus filhos; a mãe e o avô exercem a autoridade.

É a partir destas definições que segue a lei social, cuja história da Europa irá nos mostrar sua verificação. A lei social eclodiu primeiramente na organização da igreja primitiva, onde *todos os membros do Episcopado eram iguais, eleitos pelos fiéis, instituídos por seus colegas da mesma província, confirmados pelo Metropolita.*

Mostra logo a violação desta lei da relação dos governados para os governantes, do clero e dos fiéis, pelo Bispo de Roma, instrumentário, ele próprio, do imperil pagão, que se institui Imperador do clero. Desde que este cesarismo repercute através do papado sob estas condições, a Sinarquia judaico-cristã não existe mais e a lei pagã irá sozinha dirigir os atos dos soberanos da Europa, e o Papa particularmente.

A história do nosso continente se desenha em sua integridade para mostrar a aplicação fatal desta

lei, no curso da *Missão dos Soberanos*.

Em resumo, neste livro, a história da Europa, em órbita ao redor do papado, mostra, com provas concretas, a necessidade de uma reforma social sintética. Voltaremos a este assunto.

A *Missão dos Operários* é um pequeno opúsculo, publicado em 1883 e desenvolvido depois de *France Vraie*. Assim iremos apenas mencioná-lo.

A obra capital de Saint-Yves d'Alveydre é sem dúvida a *Missão dos Judeus*, verdadeira Sinarquia da humanidade, publicada em 1884.

Não poderemos, tendo em conta a falta de espaço, analisarmos mesmo que superficialmente este enorme volume com mais de 950 páginas *in-4*. Observemos, todavia seus pontos de destaques.

A *Missão dos Judeus* é dividida em vinte e dois capítulos. Os quatro primeiros formam um todo especial tratando dos princípios gerais do universo e do conhecimento que possuíam todos os povos antigos; os últimos dezoito recontam a história da humanidade através de mais de 8600 anos, mostrando de forma total que a lei social definida pela Sinarquia é, por excelência, o instrumento capaz de diagnosticar com segurança a resistência vital de uma raça, de uma nação e até mesmo de uma sociedade. Saint-Yves demonstra, com provas concretas, que o princípio da lei social é conhecido desde a mais alta antiguidade, desde a raça vermelha, e que foi transmitida nos santuários, através das eras, até os Egípcios. Dali, Moisés escolheu um povo para transmitir sua fórmula através dos séculos e Jesus uma raça para realizá-la. Daí o nome de *Lei Social Judaico-Cristã*.

Finalmente, em 1887 apareceria a *France Vraie* ou *Missão dos Franceses* na qual a história da França desde o século XIV mostra a evolução da Sinarquia francesa, única maneira de salvar a Pátria da perda para a qual ela inevitavelmente adianta-se. A *Missão dos Judeus* ou Sinarquia da humanidade é o círculo cuja *Missão dos Soberanos* ou Sinarquia da Europa é o raio, e a *France Vraie* ou Sinarquia de França é o centro.

*

*   *

Esta é a análise, infelizmente muito reduzida, das obras de Saint-Yves D'Alveydre; Tentaremos agora expor a conclusão.

O que é notável, em primeiro lugar, para o pesquisador dessas obras, é a generalidade destes princípios, aplicados aqui unicamente ao social. Podemos afirmar sem medo de sermos contestados que Saint-Yves d'Alveydre encontrou a fisiologia da Humanidade, além de ter determinado a lei de relação dos diversos grupos da humanidade entre si.

Independentemente do que for dito, é o método da Ciência Oculta, a Analogia, que tem guiado por toda parte as investigações deste autor e para comprová-la, iremos expor a sua ideia de Sinarquia apenas pela fisiologia humana. Tendo direcionado particularmente nossas pesquisas para esse ponto, ser-nos-á ainda mais fácil de expô-la ao leitor.

Tudo é semelhante no universo, a lei que dirige uma célula humana deve cientificamente dirigir este homem; a lei que conduz um homem deve cientificamente conduzir uma comunidade humana, uma nação, uma raça.

Estudemos rapidamente, então, a constituição fisiológica de um homem. Certamente, não será

necessário para tanto entrarmos em grandes detalhes, e nossas deduções serão ainda mais verdadeiras enquanto elas se apoiem em dados maiormente admitidos.

O homem come, o homem vive, o homem pensa.

Ele come e se nutre graças a seu estômago, ele vive graças a seu coração, ele pensa graças a seu cérebro.*

Seus órgãos digestivos são responsáveis pela direção da ECONOMIA da máquina, de substituir as perdas pela nutrição e de colocar em estoque os excedentes em ocasião.

Seus órgãos circulatórios são responsáveis por trazer, principalmente, a força necessária para o funcionamento da máquina, da mesma forma que os órgãos digestivos fornecem o material. Esta força em realidade é um PODER, os órgãos circulatórios, portanto, exercem o Poder na máquina humana.

Finalmente, os órgãos nervosos do homem dirigem isso tudo. Através do grande simpático inconsciente operam os órgãos digestivos e circulatórios; através do sistema nervoso consciente, os órgãos de locomoção. Os órgãos nervosos representam a AUTORIDADE.

Economia, Poder, Autoridade: eis aqui o resumo das três funções principais no homem fisiológico.

Qual é a relação destes três princípios entre si?

Enquanto o ventre receber o alimento necessário, a economia funcionará bem. Se o cérebro, deliberadamente, quiser restringir o alimento, o estômago gritaria: “Tenho fome, ordene os membros que deem-me o alimento necessário”. Se o cérebro resiste, o estômago causa a ruína de todo organismo e por si só do cérebro; o homem morre de fome.

Enquanto os pulmões respirarem à vontade, um sangue vivificador, por assim dizer *potente*, circula no organismo. Se o cérebro se recusa em fazer funcionar os pulmões ou os conduz a um meio insalubre, eles previnem o cérebro de sua necessidade através da angústia que pode-se traduzir: “Dê-nos ar puro, se queres que façamos a máquina funcionar”. Se o cérebro não tiver mais autoridade suficiente para fazê-lo, as pernas não o obedecem mais, eles tornam-se muito fracas, tudo se desmorona e o homem morre de asfixia.

Poderíamos prosseguir neste estudo ainda mais longe, mas acreditamos que é suficiente mostrar ao leitor o jogo das três grandes potências: *Economia*, *Poder*, *Autoridade*, no organismo humano.

Encontremos agora estas grandes divisões na sociedade.

Reúnam-se em um grupo, toda a riqueza de um país, com todos os seus meios de ação, agricultura, comércio, indústria, tereis o ventre deste país, formando a fonte de sua ECONOMIA.

Reúnam-se em um grupo, todo o exército, todos os governantes e magistrados de um país, tereis o tórax deste país, constituindo a fonte do seu PODER.

Reúnam-se em um grupo, todos os professores, todos os estudiosos, todos os membros de todos os credos, todos os escritores de um país, tereis o cérebro deste país, que constituem a fonte de sua

* Deduz-se que estamos falando *fisiologicamente*; assim não é preciso espantarem-se desmesuradamente pela guinada positivista desta apresentação.

AUTORIDADE.

Quereis agora descobrir a relação científica desses grupos entre si, ei-los:

VENTRE	=	**ECONOMIA**	=	**ECONÔMICO**
TÓRAX	=	**PODER**	=	**JURÍDICO**
CABEÇA	=	**AUTORIDADE**	=	**EDUCACIONAL**

e estabelecereis as relações fisiológicas.

O que aconteceria se em um Estado, a Autoridade se recusasse a dar satisfação às justas reivindicações dos governados?

Estabelecei isso da mesma forma e dizei:

O que aconteceria se em um organismo, o cérebro se recusasse a dar satisfação às justas reivindicações do estômago?

A resposta é fácil de prever. O estômago fará sofrer o cérebro e eventualmente o homem morrerá.

Os governados farão sofrer os governantes e eventualmente a nação perecerá.

A lei é fatal.

Assim, na fisiologia do social como no homem individual, há uma dupla corrente:

1° Corrente dos governantes aos governados, semelhante ao vínculo do sistema nervoso ganglionar para os órgãos viscerais;

2° Corrente reacional dos governados aos governantes, semelhantes ao vínculo das funções viscerais às funções nervosas.

Os poderes *Educacional, Jurídico, Econômico*, constituem a segunda corrente.

A primeira é formada pelos poderes *Legislativo, Judiciário, Executivo*.

Tais são os dois polos, os dois pratos da balança Sinárquica.

Escolhemos esta forma de expor o sistema do Sr. Saint-Yves D'Alveydre a fim de melhor fazer sentir sua característica dominante: uma analogia sempre e estritamente observada com as manifestações da vida na natureza.

Este é, e sempre será, o selo de uma criação relacionada ao verdadeiro Esoterismo; qualquer sistema social que não seguir analogicamente a evolução natural é um devaneio e nada mais.

Podemos ver que, apesar de tudo, a descoberta vinda à luz em *Missões* é a lei dos governados *Educacional, Jurídico, Econômico*, porque a lei dos governantes *Legislativo, Judiciário, Executivo* é conhecida há muito tempo, transmitida pelo mundo pagão.

Determinar cientificamente a existência e a lei da vida orgânica de um povo; determinar ainda a vida de relação de pessoa a pessoa, e de raça a raça: estes são os problemas estudados nas obras de Saint-Yves d'Alveydre. Em toda parte, a vida deve seguir leis análogas; também, mencionando de passagem a vida de relação dos povos europeus entre si, não é preciso ser um grande gênio para

notar sua organização antinatural. Representar-vos-ia, em efeito, indivíduos agindo entre si como fazem as grandes potestades? Quanto tempo permaneceriam sem ir a Mazas? A lei que rege hoje as relações entre as pessoas é aquela dos golpistas, sempre armados, sempre prontos a se aliarem para abaterem-se sobre o mais fraco e partilhar sua fortuna. Que exemplo para os cidadãos!

É por isso que Esoterismo pode cientificamente falar a todas as pessoas e dizer-lhes:

> "Mudai vossos reis, mudai vossos governos, não fareis nada senão agravar vossos males. Estes vêm não da forma de governo, mas sim da Lei que a constitui. Aplicai a lei da natureza e o futuro abrir-se-á brilhante para vós e vossos filhos!"

*

*   *

Apenas expus o melhor que me foi possível sobre o sistema social defendido pelo Sr. Saint-Yves D'Alveydre. Por quais meios este autor obteve conhecimento desta lei social?

Isto é o que tentaremos descobrir.

O estudo aprofundado que ele tinha feito de Fabre d'Olivet*, os esforços que ele dedicou para verificar todas as fontes deste autor *nos originais* inevitavelmente o levaram a esta conclusão: existiu, em uma era muito remota dos nossos dias atuais, um Império Universal sobre a terra.

Continuando no estudo deste Império Universal, ele buscou quais eram sua constituição e seu funcionamento. É lá onde ele descobriu a existência da *Lei Social Trinitária*.

Na busca de qual era a época e a causa de sua queda, ele foi levado a constatar a lei exclusivamente política que chamou de *Lei de Nimrod*, oposta absolutamente em tudo com a anterior.

Finalmente, seguindo os passos da transmissão da Lei Social Trinitária de santuário em santuário desde a Índia, 86 séculos atrás, até a Jesus, ele foi levado a constatar a existência de uma cadeia ininterrupta, que se encontra mencionada no capítulo XI da cosmogonia de Moisés, traduzido esotericamente.

Essa corrente seguiu dos santuários Hindus aos Egípcios com Abraão como elemento de ligação, e dos egípcios para o povo Judeu com Moisés. Jesus marca a passagem do movimento das transmissões aos povos cristãos; Daí o nome de *Lei Social Judaico-Cristã* dado por Saint-Yves à lei trinitária do Império Universal.

Como se pode observar, aliando harmoniosamente o paganismo ao judaísmo e ao cristianismo, de tal maneira ele fez surgir, do contato dos dois polos opostos, a síntese social.

Resta-nos revisitar algumas de nossas afirmações para prová-las.

Dissemos que Saint-Yves havia examinado as fontes de Fabre d'Olivet nos originais. Adicionaremos apenas que basta percorrer o capítulo IV da *Missão dos Judeus*, bem como muitos dos diversos pontos desta obra, para ter a certeza da verdade desta asserção. É desnecessário mostrar mais extensamente a vantagem que retira um autor do estudo dos mestres em suas obras, e não naquelas dos seus discípulos. A história de toda a filosofia está a dizê-lo. É graças a este trabalho sobre os originais que Saint-Yves foi capaz de descobrir a aliança de dois opostos de que

---

* Como ele declara francamente na *Missão dos Judeus* e na *France Vraie*.

Fabre d'Olivet não chegou a tratar.

Dissemos ademais que, traduzindo o capítulo XI da cosmogonia de Moisés, Saint-Yves tinha encontrado a relação dessa transmissão secular da lei social.

Esta tradução, de um capítulo que Fabre d'Olivet não abordara, mostra o conhecimento pessoal em linguística do autor da *Missão dos Judeus*. Alguns métodos que emprega, nomeadamente a leitura das palavras em hebraico da esquerda para a direita, também lhe são igualmente pessoais.

Finalmente, quando havíamos mencionado a aplicação da Lei Social na história da França, nós completamos os principais pontos pelos quais nosso autor assegura sua independência de Fabre d'Olivet.

Como resumiríamos agora a obra de Saint-Yves, de seus livros publicados até hoje?

Sob nosso ponto de vista, Saint-Yves d'Alveydre fez pelo *social* aquilo que Louis Lucas realizou pela *química* e a *física*, Wronski para a *matemática*, Fabre d'Olivet para a *linguística* e *cosmogonia*.

*

*   *

Prometemos de não estabelecer nós mesmos conclusões; agora também deixaremos o leitor livre para julgar, segundo seus critérios, o estudo que acaba de percorrer. Fizemos todos os nossos esforços para tornar os respectivos métodos dos dois autores tão claros quanto possíveis; Todavia recomendamos ao leitor sério de não julgar definitivamente antes de verificar nossas afirmações nos originais. Possa o buscador então compreender a elevação intelectual que pode atingir aqueles que, vencedores dos desencorajamentos e dos preconceitos, abordam com coragem o estudo da Ciência Oculta!

PAPUS (M. S. T)

FIM